

MUSEU DAS COISAS BANAIS: COMPARTILHAMENTO DE OBJETOS BIOGRÁFICOS E CATEGORIZAÇÃO AFETIVA DO ACERVO

JOANA SCHNEIDER¹; CAIO NOGUEIRA GHIRARDELLO², DANILO AMPARO
RANGEL³, NARA REGINA FARIAS AVILA⁴, GREICE ÁVILA MARQUES⁵;
JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – joana.sch@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nghirardello@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – drangeldanilo@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – naraamarques@gmail.com

⁵greiceamarques@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Museu das Coisas Banais é um projeto de extensão, vinculado ao Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Criado em 2014, o projeto visa, através da criação de um Museu Virtual¹, preservar e compartilhar as memórias de toda e qualquer pessoa, por meio de seus objetos biográficos, objetos esses que acompanham a vida dos sujeitos e adquirem valor afetivo. O principal objetivo do Museu das Coisas Banais é discutir esses objetos, muitas vezes considerados banais (ROCHE, 2004), como portadores de memória e passíveis de tornarem-se objetos museológicos. O Museu almeja mostrar que qualquer objeto, mesmo o mais cotidiano, é potencialmente musealizável e possibilita compreender não apenas as relações entre os indivíduos e os bens materiais, mas desses com a sociedade.

Segundo a socióloga Violete Morin (1969), objetos biográficos são aqueles que se destacam dos demais por possuírem expressivo valor subjetivo, que evocam as memórias e experiências de vida de seus donos e, por isso, são guardados ao longo do tempo. A autora desenvolve o conceito a partir da relação entre os sujeitos e os objetos e classificou os objetos em dois grandes grupos: os objetos biográficos e os objetos protocolares. A categoria *objeto biográfico* se remete àquele que permanece com o indivíduo e lhe confere uma identidade e uma localização no tempo e no espaço, desempenhando papel na memória do mesmo, enquanto os *objetos protocolares* não proporcionam “experiência personalizada, sendo facilmente substituídos” (ROCHEDO, 2015). Eclea Bosi corrobora essa ideia: “só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade” (BOSI, 2003, p.26). O conceito de objeto biográfico foi posteriormente reelaborado por Janet Hoskins (2010) e passou a abarcar também a *noção de narrativa*. Rochedo coloca que, para Hoskins, “nos narramos através de determinados objetos e há artefatos com os quais não estabelecemos esse tipo de relação” (ROCHEDO, 2015).

O acervo do Museu é exclusivamente virtual, acessado pelo endereço eletrônico www.museudascoisasbanais.com.br. O acervo é constituído pelas fotos dos objetos associadas aos relatos escritos pelos seus donos – que são os proponentes de acervo. Assim sendo, o valor do acervo está nas histórias –

¹ “...uma coleção logicamente relacionada de objetos digitais compostos de variados suportes que, em função de sua capacidade de proporcionar conectividade e vários pontos de acesso, possibilita-lhe transcender métodos tradicionais de comunicar e interagir com visitantes...; não há lugar ou espaço físico, seus objetos e as informações relacionadas podem ser disseminados em todo o mundo.” (ANDREWS; SCHWEIBENZ, 1998, apud CARVALHO, 2008).

narrativas – vinculadas aos objetos, na lembrança e no relato que o mesmo evoca, e não apenas no objeto em si. Por este motivo, o Museu das Coisas Banais adotou o conceito de *Objeto Biográfico* de Janet Hoskins para definir seu acervo, visto que o termo contempla o conjunto *objeto + narrativa* que o projeto visa musealizar. Bosi, ao falar sobre o “indivíduo que recorda”, coloca que este sujeito “é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p. 411). Neste sentido, o Museu das Coisas Banais, ao musealizar objetos do cotidiano de qualquer indivíduo, pretende ampliar e democratizar a constituição de acervos, permitindo que a comunidade se sinta pertencente ao *fazer museológico*, não só como visitante, mas também como figura ativa, participante da criação do acervo, através das narrativas compartilhadas. A biografia do indivíduo se insere no museu a partir dos seus objetos cotidianos, se tornando, assim, patrimônio passível de cuidados e proteção para que este *tesouro comum* (BOSI; 1994) não se perca no tempo.

Neste trabalho será apresentado um fragmento do processo de reformulação do site do Museu das Coisas Banais, que ainda está em andamento. A requalificação do site foi impulsionada pelas necessidades verificadas em ampla análise desenvolvida a partir do acervo e pela análise das atividades do site e da interação do público com as redes sociais do Museu. A análise evidenciou algumas carências do projeto, principalmente no que se refere ao conteúdo do acervo, ou seja, as narrativas enviadas pelos proponentes. Neste sentido, o desenvolvimento do novo site partiu da reformulação do *formulário de compartilhamento* que é a ferramenta pela qual os visitantes são instigados a deixar as fotos de seus objetos de valor afetivo e seus relatos explicando por que este objeto é especial. No *formulário*, além da adoção do conceito de *objeto Biográfico*, foram pensadas categorias para classificar o acervo fugindo das categorizações comumente utilizadas no campo da museologia. Aqui será abordada a *categorização afetiva do acervo* no formulário de compartilhamento de *objeto biográfico* do site do Museu das Coisas Banais.

2. METODOLOGIA

A equipe do Museu das Coisas Banais, pela própria natureza do projeto, é multidisciplinar e conta com a colaboração das áreas de artes, comunicação, museologia e tecnologia da informação. Acontecem reuniões periódicas e o desenvolvimento do site e das demais atividades se dá invariavelmente a partir da integração de todas estas áreas, sendo o setor de tecnologia de informação o desfecho de um longo trabalho interno que antecede o produto que se concretiza no site.

O processo de requalificação do Museu teve início a partir da profunda análise das atividades antecedentes do site e das redes sociais associadas ao mesmo. Houve a catalogação e a análise inicial do acervo, verificando a origem dos objetos, o conteúdo dos relatos e a visita ao site. A análise quantitativa se deu na observação do número de visitas no site e de doações de acervo feitas por esta via, assim como as reações e comentários nas redes sociais utilizadas pelo museu, sendo elas: instagram e facebook. Já na análise qualitativa, foi verificado o conteúdo dos relatos, ou seja, a qualidade do acervo e como as histórias eram contadas pelos proponentes.

Tendo em vista os problemas verificados nas análises e tendo como base as bibliografias da área, pensou-se uma Política de Acervos para o Museu e, a partir

deste documento, iniciou-se o projeto para o novo site, tendo como ponto de partida o formulário de compartilhamento, que é onde nasce o acervo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as discussões acerca da Política de Acervos ficou evidente a necessidade de conceituar e nomear o acervo do Museu das Cosias Banais. O termo *objeto* isoladamente não contempla o caráter de *memória afetiva* do sujeito comum que *se narra*, ou seja, elabora a sua própria história através de seus objetos, este *tesouro individual* que o sujeito junta ao longo de sua existência. São raros os objetos que alcançam o privilégio de adentrar no espaço da subjetividade de seus donos e é exatamente esses objetos, que fogem à regra da insignificância, que o projeto almeja musealizar e, assim, preservar, proteger para que sua memória sobreviva ao transcorrer do tempo. Durante ampla reflexão coletiva, vários termos foram surgindo: *Objeto Narrativo*, *Objeto Narrativa*, *Objeto de Memória*, entre outras tantas possibilidades. Por fim, nos apropriamos de o conceito “Objeto Biográfico” por entendermos que este termo abarca o conjunto de *objeto* - em sua materialidade representada pela foto-, *narrativa* - o relato do proponente - e a *biografia* - fragmento da vida do proponente que é resgatado por via do objeto.

Em decorrência da definição de *objeto biográfico*, também ficou clara a necessidade de uma categorização subjetiva do acervo, escapando às categorias formais utilizadas na área da museologia, restringindo estas ao uso interno do Museu. A criação das *categorias afetivas* se deu a partir do estudo dos objetos que já faziam parte do acervo. Ao analisarmos o conteúdo das narrativas, constatamos que os objetos poderiam ser reunidos em grupos por apresentarem similaridades subjetivas - a origem do objeto, por fazer lembrar de alguém, por ser a lembrança de algum evento, por evocar um sentimento particular, por fazer parte de uma coleção, entre outras inúmeras situações possíveis.

Na tentativa de abranger a extensa variedade de objetos, foram criadas cinco grandes *categorias*, sendo elas: (1) Eventos, (2) Lugares, (3) Pessoas, (4) Sentimentos, (5) Trecos, troços e coisas (MILLER, 2013). Estas categorias maiores se ramificam em uma gama de possibilidades mais específicas: as *subcategorias*. Por exemplo, a categoria (5) Trecos, troços e coisas, que faz alusão ao livro do antropólogo Daniel Miller, referência nos estudos da cultura material, se ramifica em quatro subcategorias: (1) Trabalho manual, (2) Lembrancinha, (3) Antiguidade, (4) Quinquilharia. Instigado pelos questionamentos “O que este objeto te faz lembrar? Um lugar, uma pessoa, um evento marcante? Este objeto te faz sentir? Que sentimento é esse? O que este objeto representa?”, o próprio proponente é orientado a escolher a categoria e a subcategoria que melhor representam seu Objeto Biográfico.

Além da instituição de uma nova forma de classificação do acervo, para tentar atingir relatos mais detalhados e com maior complexidade, na ampliação do *Formulário de Compartilhamento de Objetos Biográficos*, foram adicionadas instruções para a escrita das narrativas. A intenção é incitar narrativas nas quais os proponentes consigam expressar a relevância do objeto, transparecendo o motivo pelo qual o mesmo é insubstituível e, assim, alcançar o objetivo fim do projeto: provocar a reflexão acerca da relação sujeito/objeto ao musealizar Objetos Biográficos.

4. CONCLUSÕES

Até o presente momento, no processo de requalificação do site já foi amplamente discutida a Política de Acervos do Museu das Coisas Banais. Política essa que ainda não foi fechada, mas já resultou na fixação do conceito de *Objeto Biográfico* para definir o acervo. Em conformidade com a adoção deste termo, estabeleceu-se a categorização afetiva do acervo, que privilegia os aspectos subjetivos da relação sujeito/objeto em detrimento dos aspectos meramente formais. A tarefa de classificar o acervo foi desviada para o próprio proponente, sendo que este pode escolher qual *categoria* e *subcategoria* representa de maneira mais adequada sua relação com o Objeto Biográfico compartilhado. Houve a reformulação do formulário de compartilhamento, o qual já está disponível na rede e conta com questionamentos e instruções de escrita para instigar a reflexão dos visitantes/proponentes acerca da temática da memória afetiva evocada pelos objetos e, desta forma, gerar narrativas com mais informação e complexidade. Atualmente, está em andamento a inserção do acervo no novo site para que, muito em breve, o mesmo seja liberado para visitação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1994.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial: 2003.
- CARVALHO, R. M. R. Comunicação e informação de museus na Internet e o visitante virtual. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio | MAST, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 83 - 93, 2008.
- HOSKINS, Janet. **Biographical Objects**: how things tell the stories about people's lives. Nova York/Londres: Routledge, 2010.
- MILLER, D. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MORIN, Violette. **L'objetbiographique**. In.: Communications, n. 13, 1969, p. 131139.
- ROCHE, D. **História das Coisas Banais**. Nascimento do consumo séc. XVII - XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROCHEDO, A.L. Isto não é um vestido. Ou é?: sobre um objeto biográfico e sua agência. In: **ENPMODA - ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MODA NOME DO EVENTO EM CAIXA ALTA**, 5., Novo Hamburgo, 2015. **Anais 5º ENPMODA**, Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2015. p.1.
Disponível em: <https://www.feevale.br/hotsites/enpmoda/edicao-atual>